

# Adriano Moreira entre o Poder e a História

Os estudos sobre personalidades vivas são menos comuns entre nós. José Filipe Pinto acaba de ousar o retrato de uma personalidade impressionante pela inteligência e pelo verbo.

*Adriano Moreira. Uma intervenção humanista* disponibiliza uma introdução à vida e à obra do pensador que autonomiza o estudo da Ciência Política em Portugal, recortando-a dos imperialismos do direito e da sociologia através da delimitação analítica do conceito do poder.

A pesquisa exige leitura cuidada. Enquanto se aguardam as Memórias de Adriano Moreira, trata-se de uma nova obra parcelar sobre um político e académico que marca a sociedade portuguesa das últimas décadas. Oscila entre o estilo asséptico do enunciado académico e a prosa carpinteiramente laudatória. Reparte-se por cinco capítulos: contextualização, pensamento e obra científica, acção legislativa, congressos das Comunidades de Cultura Portuguesa e acção pós-exílio. Contém um prefácio escrito por Manuel Ferreira Patrício, antigo reitor da Universidade de Évora, acompanhados por introdução e nótula final do autor. Anexa depoimentos de valor diverso prestados por Ives da Silva Martins, Nuno Vieira Matias, Manuel Chantre, José Santos Silva, Abel Cabral Couto, Inês Dentinho, José Carlos Venâncio e António Barbosa de Melo.

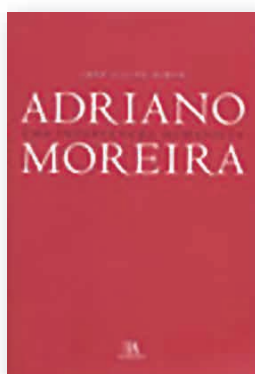
O livro esboça o posicionamento da pessoa e da personagem no tempo. Começa com Adriano Alves Moreira na aldeia de Grijó a 6 de Setembro de 1922, com os pais António e Leopoldina, também o avô Valentim, evolui para os laços com Isabel Mónica e os seis filhos e já 11 netos, atravessa vivências de estudante a professor e mestre nos nossos dias, deambula entre o consulado de Ministro do Ultramar de governo presidido por António de Oliveira Salazar aos sucessivos

mandatos democráticos de deputado à Assembleia da República, projecta uma imagem do império e intenta a de lusofonia, culmina no papel de presidente do Conselho Nacional de Avaliação do Ensino Superior e estatuto de senador que persiste em se inquietar com o país. As profundas mudanças vividas pela sociedade portuguesa e por aparelhos de poder como o Governo, a Universidade e as Forças Armadas emergem como pano de fundo nesta visita guiada e assim também se constituem em material sobre a elite catedrática e o sentido de causa pública que regem o Portugal contemporâneo aquando do rasgar das fronteiras seculares.

A actividade política, legislativa e doutrinária de Adriano Moreira nas outrora colónias africanas encontra nestas páginas sumário adequado. Reimprime-se o célebre Decreto-Lei n.º 43893 de 6 de Setembro de 1961, cujo artigo único revoga o Estatuto do Indigenato e ancora a tradição portuguesa de respeito pelo direito privado dos povos no seio das Declarações Universais dos Direitos do Homem.

Passam-se em revista as não menos famosas «Adrianadas», com a sua filiação no Estatuto de Westminster de 1931 e as reformas ultramarinas nos planos administrativo, social e educativo com vista a expurgar os sinais bárbaros do luso-colonialismo. Recupera-se a memória dos Congressos das Comunidades de Cultura Portuguesa dos inícios dos anos 60 e a tentativa de fixar uma reinventada imagem da acção lusa no mundo, através da remodelação das margens do «oceano moreno».

Aspecto interessante é a sucessiva inscrição dos conceitos cunhados por Adriano Moreira, seja no campo da Ciência Política, seja no das Relações Internacionais para que naturalmente sempre tendeu. Aqui se encontram a noção de autenticidade e a perspectiva tridimensional do poder, a par das ideias do tempo tribulo, da soberania funcional ou do Estado exíguo. Também os detalhes de circunstância emolduram a personagem retratada, humanizando alguém que vive já no dilemático registo histórico. A benefício do inventário fica a nota de o Professor se irritar com a arrogância, a falta de educação e... a inteligência moderada. O elenco das referências fundacionais da matriz adrianista pontua ainda ao longo das mais de 300 páginas. Desde a doutrina social da Igreja e as cartas papais, a Padre António Vieira, Theillard de Chardin e bispo D. Sebastião de Resende, até Políbio, Maquiavel e Copek, viaja-se num mapa que reflecte uma pascaliana paixão de pensar.



**Adriano Moreira. Uma intervenção humanista**  
José Filipe Pinto (coord.)

Almedina, 2007

Componente valiosa da obra é o inventário cronologicamente organizado dos escritos de Adriano Moreira entre 1943 e 2005, os quais se espalham por livros, ensaios, anuários, boletins, conferências e artigos de Imprensa em várias latitudes, numa constelação temática que tanto diz da doutrina quanto do Portugal vintecentista que a enquadra. Neste particular, a pesquisa assume-se como uma útil ferramenta para todos quantos queiram estudar e aprender com a reflexão adrianista. Falta somente encontrar quem reúna o espólio em local próprio e o

disponibilize a estudiosos e observadores do último império europeu, cuidando do respectivo tratamento e preservação.

O livro tem a chancela da Almedina, com o cuidado da apresentação que é próprio da editora de Coimbra. José Filipe Pinto, que trabalhou com a colaboração do retratado, dá aqui mais uma contribuição para conhecer Adriano Moreira e apresenta resultados de um real trabalho de dedicação.

\* JORNALISTA E INVESTIGADORA DO INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA.

# Gladstone & Disraeli

*Dois líderes que iniciaram uma nova fase no modo e nos meios do exercício político — a massificação democrática do debate e do jogo político.*

A questão subsiste — que distância separa a banalidade da pequena política do registo exemplar que marca e assinala a História? Será a História a sequência essencial de uma lei implícita ou inexorável que determina e conduz os destinos da Humanidade na direcção de um futuro prometido? Poderá a História determinar a sorte de um político ou será o carácter de um “grande homem” julgado pela afirmação de uma vontade face à profusão das opções históricas em aberto? Finalmente, o que será um “grande líder”?

Todas estas questões surgem no espírito de um observador competente ao reflectir sobre a leitura da obra intitulada *The Lion and the Unicorn — Gladstone vs Disraeli*, da autoria de Richard Aldous. O livro pretende mais a descrição do que a análise, em respeito quase escrupuloso pela cronologia, da relação entre os dois “colossos” da política vitoriana. De certo modo, Richard Aldous consegue evitar o assinalável risco do seu empreendimento histórico-literário, nomeadamente, a irrelevância final circunscrita à exemplar produção de duas biografias paralelas. Com sentido narrativo e sensibilidade para o debate político, Richard Aldous atinge um registo interessante e competente sobre os momentos de clara ruptura, política e pessoal, entre Gladstone e Disraeli. De forma bem visível, a estrutura do livro reproduz com exactidão a lógica cinematográfica subjacente a uma su-

cessão minuciosa dos “grandes momentos” em vidas contemporâneas.

Abstraindo uma dimensão pessoal marcada, menos pela natural animosidade entre rivais políticos, mas sobretudo caracterizada por um “ódio” permanente, persistente e civilizado, Gladstone e Disraeli iniciam uma nova fase no modo e nos meios do exercício político — a massificação democrática do debate e do jogo político. Neste sentido, a interrogação sobre o carácter e a fortuna de um “grande líder” coloca-se como elemento para reflexão. Assim, e por um lado, a matéria de um “grande líder” estará invariavelmente associada à definição e projecção de uma visão política para os problemas da sociedade humana. Por outro lado, e no contexto de uma sociedade democrática, a dimensão de um “grande líder” será também aferida em função da invenção de uma personalidade pública capaz de garantir, quer o apoio efectivo de uma grande coligação, quer a necessária vitória na conclusão do processo eleitoral. No “novo mundo da política democrática”, a afirmação de uma personalidade política implicará a capacidade de persuasão racional, a eficiência executiva, a oratória carismática, a organização partidária, o *power-broking* institucional e a imaginação superior para os “grandes e pequenos esquemas” da política. Em momentos distintos da vida política, Gladstone e Disraeli exibem todas as qualidades e todos os defeitos que definem a imagem e produzem o discurso de um “grande líder” para os tempos modernos.

Mas depois vem o apelo e o *charme* das personalidades individuais. Sem nunca violar o dever de imparcialidade em relação às personagens políticas em análise, o centro em *The Lion and the Unicorn* será efectivamente estabelecido a partir de um conhecimento profundo da colecção dos Diários de Gladstone. No entanto, o carácter de Disraeli resiste à arquitectura conceptual da obra. Antes de ser político, Disraeli foi romancista, e a marca do homem-de-letras permaneceu na percepção da disciplina política.

POR CARLOS MARQUES DE ALMEIDA \*